

O CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO BASEADO NOS GRUPOS DE PESQUISA

CARLOS ROBERTO MASSAO HAYASHI*
AMARÍLIO FERREIRA JUNIOR**

Recebido em: 24 de maio de 2010 Aprovado em: 09 de junho de 2010

*Professor Dr. do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal de São Carlos. **E-mail:** massao@ufscar.br

Professor Dr. do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal de São Carlos. **E-mail: ferreira@ufscar.br

Resumo: O estudo realizado refere-se ao campo da História da Educação no Brasil e foi baseado na análise dos grupos de pesquisa que integram o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq. Utilizou-se software de análise bibliométrica com o objetivo identificar as características dos grupos de pesquisa. Os resultados obtidos na base censitária 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq identificaram a existência de 108 grupos e 317 linhas de pesquisa em História da Educação. Entre as temáticas de pesquisa se destacaram história da educação, formação de professores e história da educação em temas específicos.

Palavras-chave: Educação. História da educação. Análise bibliométrica. Produção científica.

THE FIELD OF HISTORY OF EDUCATION IN BRAZIL: A STUDY BASED ON RESEARCH GROUPS

Abstract: This study refers to the field of History of Education in Brazil and was based on the analysis of the research groups that form the Directory of Research Groups in Brazil/CNPq. A bibliometric analysis software was used to identify the characteristics of the research groups. The results obtained in the 2004 census database of the Directory of Research Groups in Brazil/CNPq showed that there are 108 groups and 317 lines of research in History of Education. The main research themes are history of education, history teachers' education and education in specific topics.

Key words: Education. History of education. Bibliometric Analysis. Scientific Production.

INTRODUÇÃO

O estudo realizado refere-se ao campo da História da Educação no Brasil e foi baseado na análise dos grupos de pesquisa que integram o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, visando verificar a sua contribuição para a construção e consolidação dessa área de conhecimento no país. A motivação para a realização deste estudo foi a necessidade de uma melhor compreensão sobre a configuração deste campo de pesquisa, a partir de uma visão que levasse em consideração a produção científica dos pesquisadores da área.

De maneira geral, a compreensão da pesquisa em Educação no Brasil deve levar em conta um conjunto de textos que já se converteram em paradigmas, entre eles os produzidos por Aparecida Joly Gouveia na década de 1970 (1970,

1974 e 1976) e os de Luiz Antonio Cunha (1979). Também Warde (1990a) realizou reflexões sobre o papel da pesquisa na pós-graduação em Educação e, sobretudo, as contribuições da história para a Educação (1990b), assinalando que o crescimento quantitativo das pesquisas na área da Educação “representa conquista de alto valor que deve ser imputada ao surgimento e expansão dos cursos de pós-graduação na área”. (1990a, p. 68)

No início dos anos 2000, também foram objeto de estudo um conjunto de trabalhos patrocinados pelo Inep e denominados “estado do conhecimento” (INEP, 2004). Além desses estudos, outras iniciativas semelhantes têm sido realizadas no âmbito dos periódicos científicos. Cabe citar a revista Educação e Pesquisa (2004), que organizou um fascículo especial dedicado inteiramente à publicação de artigos de revisão que apresentam balanços e análises críticas sobre temas relevantes da produção científica em Educação, objetivando, segundo Carvalho e Bueno (2004, p. 8), “colaborar na organização da produção científica no campo educacional”.

Além dos textos já consagrados sobre a pesquisa educacional brasileira, temos também as análises que objetivaram interpretar o próprio sentido que a produção no âmbito da História da Educação brasileira assumiu, notadamente, durante a segunda metade da década 1990 e o primeiro decênio do século XXI. Neste interregno, as interpretações historiográficas trataram tanto da crise vivida pelos ditos “velhos” paradigmas epistemológicos, particularmente as concepções marxista e positivista da História, como da ascensão dos denominados “novos” referenciais teóricos e metodológicos utilizados na geração do conhecimento histórico. Para se compreender as divergências estabelecidas entre os paradigmas rivais que passaram a coabitar no interior da Oficina de Clio, emblemáticos foram, por exemplo, os estudos publicados por Cardoso (1994), Vainfas (1997), Falcon (2006), Hayashi e outros (2008) e Bittar e Ferreira Jr. (2009). Os autores em tela produziram uma historiografia referente à História da Educação brasileira não só do ponto de vista da constituição do seu “estado da arte”, mas, sobretudo, trataram da hegemonia alcançada pela Nova História, especialmente na vertente da História Cultural, após a queda do muro de Berlim (1989) e do fim da União Soviética (1991).

OS ESTUDOS BASEADOS EM GRUPOS DE PESQUISA

O referencial metodológico deste trabalho inspirou-se em pesquisas realizadas por Guimarães, Lourenço e Cosac (2001) e Prado e Sayd (2004), que procuraram, respectivamente, retratar a pesquisa em epidemiologia no país e a pesquisa sobre envelhecimento humano, utilizando como fonte de dados o

Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq. Foram utilizadas técnicas para levantamento, identificação e análise das atividades científicas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa em educação visando o tratamento e sistematização dos dados obtidos.

O principal *corpus* da pesquisa foram os grupos de pesquisa em Educação e posteriormente seleção daqueles vinculados a História da Educação presentes na base censitária de 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq. As informações constantes na base Diretório dizem respeito aos recursos humanos participantes nos grupos, às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades de conhecimento e aos setores de atividades envolvidos, aos cursos de mestrado e doutorado com os quais o grupo interage e à produção científica e tecnológica, além de localizar o grupo no espaço e no tempo.

Conforme referem Guimarães, Lourenço e Cosac (2001, p. 323), a definição mais importante na constituição da base de dados do Diretório é a de sua unidade de análise, que é o grupo de pesquisa. Este se define como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, no qual o fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico e tecnológico. Além disso, existe envolvimento profissional e permanente do grupo com atividades de pesquisa e o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa. Seus integrantes, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos.

O CAMPO CIENTÍFICO, A TEORIA DA CREDIBILIDADE E DA LEGITIMIDADE

Bourdieu (1983) define o campo científico como um espaço social como outro qualquer, cheio de relações de força e disputas, que visa beneficiar interesses específicos dos participantes deste campo. Deste ponto de vista, a capacidade de “produzir ciência”, por parte de um determinado indivíduo, está agregada a um determinado poder social. Para Bourdieu, nessa luta o que está em jogo é

[...] o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado. (BOURDIEU, 1983, p. 122)

Os pesquisadores estão vinculados a um determinado “campo científico”, no qual exercem seu trabalho e suas escolhas científicas (teorias, metodologias

etc.) e formam uma espécie de comunidade em que valores, crenças e práticas comuns são compartilhados. Com base nesta visão, Bourdieu (1983) mostra que os cientistas quando trocam novos conhecimentos o fazem utilizando um modelo que está fundado na noção de capital, de tal forma que o cientista acumula o chamado “crédito científico”.

Assim, os recursos adquiridos pelos cientistas são os seus conhecimentos acumulados, os quais são utilizados em uma espécie de mercado, em troca do crédito científico. Por sua vez, este crédito científico adquirido pode, posteriormente, ser reinvestido para conseguir mais crédito. Assinale-se, no entanto, que o conhecimento produzido pelo pesquisador é um bem que não possui muito valor em si mesmo. Ele precisa ser valorizado por outros produtores em sua troca e o reconhecimento que os outros lhes dão é que dá a medida de sua importância. O autor considera que, “de fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos”. (BOURDIEU, 1983, p. 127)

Segundo Pignard (1999, p. 12) a teoria de Bourdieu pode ser resumida no seguinte esquema (Figura 1):

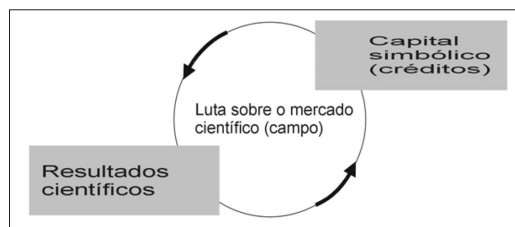


Figura 1. Ciclo de acumulação do crédito científico de Bourdieu

Fonte: Adaptado de Pignard (1999, p. 12)

Estas breves reflexões sobre o conceito de campo científico de Bourdieu são fundamentais para a compreensão da constituição do campo da História da Educação. Ademais as diversas teorias de Bourdieu foram apropriadas pelo campo educacional no Brasil, como já demonstraram os estudos conduzidos por Catani, Catani e Pereira (2001) e Nogueira e Nogueira (2002), entre outros.

Em 1994, Latour introduz a noção de credibilidade, em que o reconhecimento do cientista passa também por outras formas mais tangíveis (as bolsas, os cargos etc) que não são somente os “sinais visíveis do capital simbólico”. Portanto, os cientistas investem nos domínios e assuntos que garantem o maior retorno de credibilidade e esses investimentos podem se traduzir em publicações e outras formas de produção científica: a formação de alunos, o desenvolvimento de um equipamento, os pareceres etc.

Latour (1994) considera este processo de legitimação como “ciclos de credibilidade”. A busca de legitimidade leva o pesquisador a ter uma produção científica: um artigo conduz ao reconhecimento pelos pares, gera subvenções; as subvenções investidas em um novo equipamento darão lugar a novas produções de dados, depois a novos artigos que assegurarão um suplemento de reconhecimento etc.

Latour em parceria com Woolgar (1997) emprestam dos trabalhos de Bourdieu a noção de capital simbólico e introduzem a noção de credibilidade, distintas daquela de crédito, uma vez que:

o crédito-reconhecimento refere-se ao sistema de reconhecimentos e de prêmios que simbolizam o reconhecimento, pelos pares, de uma obra científica passada. A credibilidade baseia-se na capacidade que os pesquisadores têm para efetivamente praticar a ciência. (LATOURE; WOOLGAR, 1997, p. 220)

Para Latour e Woolgar (1997, p. 221) a noção de credibilidade pode aplicar-se, ao mesmo tempo:

[...] à própria substância da produção científica (fatos) e à influência de fatores externos: financiamentos e instituições. [...] às estratégias de investimento dos pesquisadores, às teorias epistemológicas, aos sistemas de reconhecimentos científicos e ao ensino científico.

Os “ciclos de credibilidade” podem ser vistos na Figura 2 e permitem, segundo os autores, “distinguir o processo de concessão do reconhecimento do processo de avaliação da credibilidade”. (LATOURE; WOOLGAR, 1997, p. 224)

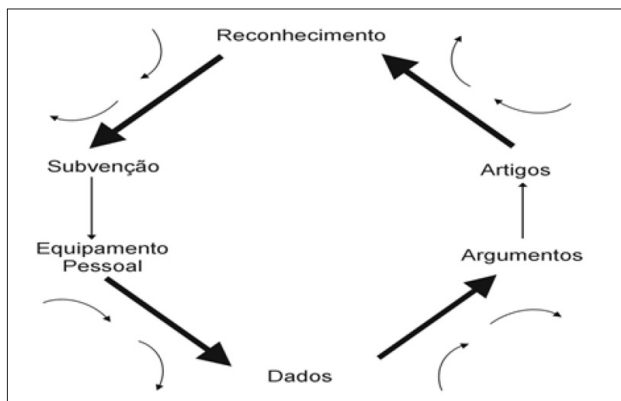


Figura 2. Os ciclos de credibilidade de Latour e Woolgar

Fonte: Adaptado de Latour e Woolgar (1997, p. 225)

OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os aspectos de ordem teórico-metodológica que fundamentaram a pesquisa levaram em consideração que a oposição antagônica entre pesquisa qualitativa e quantitativa vem sendo abandonada, conforme aponta Creswell (1994, 1998) em favor de abordagens multi-métodos, que se tornam cada vez mais freqüentes. Nesta perspectiva, a proposta teórico-metodológica deste trabalho contou com aspectos qualitativos e quantitativos, uma vez que a diferença entre esses aspectos é apenas de natureza, ou seja, o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõe, ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia, como reafirma Minayo (1996).

Sobre essa dicotomia que se generalizou no âmbito das ciências humanas, vale lembrar que Caio Prado Jr., antes mesmo da crise que se abateu sobre a concepção marxista da História, chamava a atenção para o fato de que era falso o contraponto epistemológico estabelecido entre “história quantitativa”, atribuída aos economistas, e “história qualitativa”, vinculada à produção dos historiadores da Escola dos Annales. Em artigo de 1976, ele realçava o caráter metafísico assumido pelas interpretações que separaram mecanicamente os conceitos e insistia na impossibilidade de uma oposição antagônica entre quantidade e qualidade, ou seja, reivindicava a existência da mediação dialética que condiciona mutuamente os conceitos em questão. Pois, epistemologicamente, quantidade é sempre quantidade de algo, portanto de alguma qualidade. A dita “história quantitativa” preconizada pelos seus defensores como único método válido no âmbito da produção historiográfica foi assim analisada no referido artigo de Caio Prado Jr. (1976, p. 6):

O certo é que por força do modelo em que se inspiravam e que lhes proporcionavam os economistas com sua análise, é com a quantificação erigida em chave-mestra da verdade histórica que iriam contar os historiadores mais avançados para a tarefa de renovação de sua disciplina, e superação – nisto com pleno acerto de intenções – do estilo acentuadamente literário ainda tão em voga da historiografia tradicional.

Portanto, defendendo que a “história quantitativa” trazia contribuições para evitar o caráter excessivamente “literário” da concepção de História disseminada pela Escola dos Annales, Caio Prado Jr. propugnava que o processo epistemológico de arrolar dados se constituía em passo preliminar e fundamental no processo de produção do conhecimento.

Compartilhando do mesmo entendimento, Gatti (2003) também afirmou que os métodos de análise de dados que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais, mas a combinação deste tipo de dados com aqueles oriundos de metodologias qualitativas pode vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos. Günther aponta que no processo de construção do conhecimento, idealmente,

[...] o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordem diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem a outra. (GÜNTHER, 2004, p. 7)

As breves considerações a seguir referem-se aos aspectos quantitativos e qualitativos da pesquisa que foram considerados no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que, com base no objeto de estudo da pesquisa elegemos a análise bibliométrica como método mais adequado para o seu desenvolvimento.

Os estudos bibliométricos têm por objeto o tratamento e análise quantitativa das publicações científicas. Formam parte dos “estudos sociais da ciência” e entre suas principais aplicações se encontra a área de política científica. Esses estudos complementam, de maneira eficaz, as opiniões e juízos emitidos pelos especialistas de cada área, proporcionando ferramentas úteis e objetivas nos processos de avaliação dos resultados da atividade científica.

O objetivo da bibliometria é oferecer uma ideia do estado da arte e da evolução da ciência, da tecnologia e do conhecimento e nesse sentido é mais que uma lista de referências de trabalhos utilizados, fornecendo um quadro dos temas de pesquisa que entusiasma os pesquisadores e dão uma ideia do conteúdo e da estrutura da pesquisa. A cientometria, por sua vez, utiliza a citação bibliográfica do documento científico como base para evidenciar as ligações entre cientistas e áreas do conhecimento. (HAYASHI, 2004)

Assim, do ponto de vista teórico, a compreensão dos métodos bibliométricos e cientométricos no tratamento da informação científica é fundamental para a presente pesquisa. Todas estas avaliações são feitas com o auxílio de indicadores, que tendem a traduzir objetivamente, em termos de quantidade e de qualidade, os resultados estatísticos. Com base nesse referencial teórico, foram realizadas análises bibliométricas dos grupos de pesquisa, visando extrair indicadores de sua produção científica.

OS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O critério para o reconhecimento de grupo integrante da massa crítica em História da Educação foi o desenvolvimento, pelo menos, de uma linha de pesquisa nessa área. O perfil dos grupos de pesquisa obtidos na base censitária 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq é mostrado a seguir.

O levantamento identificou 108 grupos de pesquisa que atuam no campo “História da Educação”. Na Figura 3, podemos verificar a distribuição dos grupos de pesquisa no período de 1970-2004.

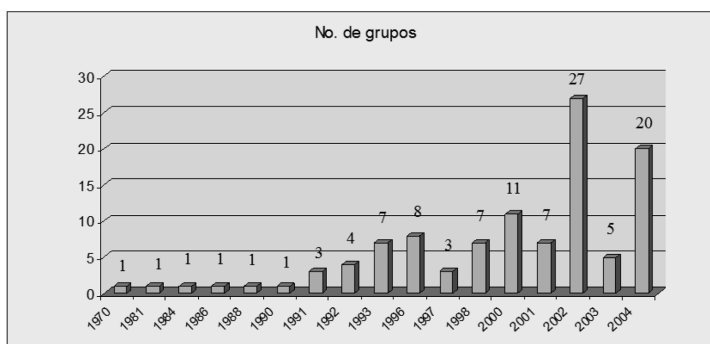


Figura 3. Evolução dos grupos de pesquisa por ano de criação

No período de 1970-1991 foram criados apenas 9 grupos e no período 1992-2000 foram criados 40 grupos. A partir do ano 2001 até 2004 há um crescimento significativo no número de grupos. Neste período foram criados 59 grupos, sendo que no ano de 2002 há um ápice no número de grupos criados (27). Este aumento coincide com as datas de realização dos Censos do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, realizado a cada dois anos, respectivamente nos anos 2002 e 2004.

Os recursos humanos envolvidos nestes grupos de pesquisa podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos Recursos Humanos nos Grupos de Pesquisa

Pessoal	Total
Líderes	106
Pesquisadores	189
Estudantes	420
Técnicos	11
Total	726

Entre os 106 líderes dos grupos de pesquisa 69 (65,1%) são mulheres e 37 (35,9%) homens, indicando que a presença feminina na área de Educação é superior. Estes achados se aproximam daqueles mencionados por Hayashi e outros (2008), que indicaram ser de 60,2% a presença feminina na distribuição dos pesquisadores por sexo, segundo a grande área de Ciências Humanas predominante de atuação dos líderes de grupos de pesquisa – na qual a subárea Educação está alocada –, presentes no Diretório na base censitária de 2004. Verifica-se aqui que há correspondência entre esses dados e as abordagens teóricas sobre a feminização do trabalho na área de Educação – ao lado da área de Saúde –, tidas historicamente como um lugar de concentração de trabalho feminino, conforme argumentam Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi. (2000, p. 436)

As regiões Sul e Sudeste apresentam a maior concentração dos grupos de pesquisa em “História da Educação”, com 58 e 20 grupos respectivamente, totalizando 72,2%. Os 30 demais grupos de pesquisa (27,8%) estão distribuídos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte e parecem coincidir com a distribuição dos 83 Programas de Pós-Graduação em Educação existentes no país, dois quais 62 (74,6%) localizam-se na região Sul e Sudeste, enquanto que os outros 21 (25,4%) programas estão situados nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Estes dados confirmam que a atividade de pesquisa no país está fortemente vinculada à pós-graduação.

Foram identificadas 63 instituições de vinculação dos grupos de pesquisa. A distribuição institucional dos grupos de pesquisa segue o mesmo padrão da distribuição dos grupos por região. O perfil destas 63 instituições aos quais os grupos de pesquisa estão vinculados aponta que 30 (47,6%) são instituições federais de ensino superior, 11 (17,5%) instituições estaduais de ensino superior, 12 (19,0%) instituições de ensino superior particulares, 9 (14,3%) instituições de ensino confessionais e apenas uma (1,6%) caracteriza-se como um centro de estudos e pesquisas. Estes resultados permitem inferir que as instituições de ensino superior públicas concentram o maior número (65,1%) de grupos de pesquisa em “História da Educação”, o que não se constitui em fato novo haja vista o próprio perfil destas instituições em que o componente “pesquisa” tradicionalmente encontra-se atrelado à pós-graduação.

Os 108 grupos de pesquisa estão distribuídos em 5 grandes áreas de conhecimento (Tabela 2), dos quais, 89,0% pertencem às Ciências Humanas e 8,3% às Ciências da Saúde. Os restantes referem-se às áreas de Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Linguística, Letras e Artes, cada uma com 0,9%. Na grande área de Ciências Humanas, a área de Educação é majoritária, com 89,6% dos grupos, seguida pela História, com 8,3 e Sociologia (2,1%). Nas outras grandes

áreas, destaca-se a área de Educação Física com presença mais acentuada nas Ciências da Saúde.

Tabela 2. Distribuição dos Grupos de Pesquisa por Área de conhecimento

Grande Área	Área de conhecimento	Número de grupos	Total
Ciências Humanas	Educação	86	96
	História	8	
	Sociologia	2	
Ciências da Saúde	Educação Física	7	9
	Enfermagem	1	
	Saúde Coletiva	1	
Ciências Exatas e da Terra	Física	1	1
Engenharias	Desenho Industrial	1	1
	Letras	1	1
TOTAL		108	

Dentre os grupos da área de História, apenas um trata da temática “História da Educação no Brasil”, enquanto que os outros sete grupos estão voltados para os estudos da vida cotidiana; do espaço público e cotidiano escolar, vistos da perspectiva ecológica e histórica; da história regional e local, além de pesquisas sobre a época medieval; sobre a memória, a história oral, a saúde e as humanidades. Por sua vez, os grupos da área de Educação Física parecem dedicar-se a um leque mais amplo, abrangendo desde a História da Educação Física e dos Esportes até os estudos sobre cultura e corpo, passando ainda pela Educação Física Escolar, além de recorrer a estudos sócio-culturais e históricos. Os grupos vinculados à área de Sociologia dedicam-se aos estudos da Educação sob a ótica da cultura, política e migração, enquanto que o grupo de Letras e o de Física investigam aspectos do ensino – de Linguagem e Física – e o de Saúde Coletiva realiza pesquisa com foco regional. As áreas de Desenho Industrial e Enfermagem, que comparecem com um grupo cada uma, se preocupam com temáticas aplicadas de História da Educação e do Ensino.

Do total de 317 linhas de pesquisa cadastradas pelos grupos de pesquisa, 43 linhas estão presentes em diferentes grupos. Apenas 115 podem ser efetivamente identificadas com as temáticas da “História da Educação”, o que representa pouco mais de um terço das linhas de pesquisa. Foram identificadas 3.457 palavras-chaves associadas às linhas de pesquisa e atribuídas pelos líderes dos grupos de pesquisa. Entre essas palavras-chave, somente 20 tiveram frequências igual ou maior que 15 vezes, enquanto as 3.437 tiveram frequências entre 1 a 14 vezes. Os dados representativos das linhas de pesquisa e das temáticas tratadas

por esses grupos de pesquisa permitem supor que há uma dispersão. Sobre este aspecto concordamos com a opinião de alguns autores que em determinados estudos avaliaram a pesquisa em Educação e apontaram a “pulverização das temáticas” da área, entre eles André (2005), Alves-Mazzotti (2001), Teixeira e Megid Neto (2006) e Coelho (2006).

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O perfil dos grupos de pesquisa apresentados anteriormente indicou a existência de linhas de pesquisa e temáticas que não se encontram efetivamente vinculadas ao campo da História da Educação. Nesse sentido, optou-se por realizar um recorte no universo destes grupos de pesquisa. Para esta delimitação considerou-se que os grupos de pesquisa e seus líderes deveriam preencher os seguintes requisitos:

- a) estar cadastrado na área de conhecimento de Ciências Humanas, subárea Educação na base censitária de 2004 do Diretório;
- b) o(s) líder(es) deve(m) ter o título de doutor e possuir(em) pelo menos uma produção científica - artigo científico, livro ou capítulo de livro – no campo “História da Educação”;
- c) a produção científica dos líderes deveria estar compreendida entre a data de criação do grupo até o ano de 2006, uma vez que a coleta dos dados da produção científica no Currículo Lattes dos líderes do grupo foi realizada em fevereiro de 2007.

Com base na aplicação destes critérios, foram identificados grupos de pesquisa em que: a) um vice-líder possuía apenas o título de mestre; b) cinco vice-líderes não possuíam nenhuma produção científica no campo “História da Educação”; c) a produção científica do(s) líder(es) era anterior à data de criação do grupo; d) grupos de pesquisa cujos líderes não possuíam pelo menos um item publicado em conjunto, ou seja, se a produção científica em comum é um dos critérios para caracterizar um grupo de pesquisa, tais grupos não poderiam ser considerados efetivamente como grupos, visto que não existia nenhuma produção científica co-autorada. Assim, o universo inicial de 108 grupos de pesquisa passou a ser de 46 grupos.

Para a caracterização da produção científica (artigos, livros e capítulos de livros) dos 46 grupos de pesquisa que efetivamente tratam da temática Histó-

ria da Educação foram compulsados no Currículo Lattes os 73 pesquisadores, líderes e vice-líderes.

Apresentamos a seguir os principais resultados obtidos com relação à produção científica no campo da “História da Educação”, em consulta realizada nos Currículos Lattes dos líderes dos grupos de pesquisa.

Os 73 líderes dos grupos de pesquisa foram responsáveis pela publicação de 206 artigos científicos (37,3%), 96 livros (17,4%) e 250 capítulos de livros (45,3%), totalizando 552 itens de produções bibliográficas. Esta produção científica está distribuída no período 1990-2006, sendo que os artigos começam a ser publicados a partir de 1990, os capítulos de livros em 1993 e os livros em 1996.

Na produção bibliográfica há uma preponderância nos itens “livros e capítulos de livros” que somam 346 (63,1%) do total, reflexo do padrão de comunicação científica da área de ciências humanas (VELHO, 1997a; 1997b), enquanto que os “artigos” representam 37,3% da produção científica em “História da Educação”. No entanto, consideramos apenas os 206 (37,3%) artigos científicos e 250 (45,6%) capítulos de livros os dados parecem sugerir que há pouca desigualdade nesta distribuição.

A produção científica dos líderes com bolsa produtividade em pesquisa do CNPq apresenta um escore mais alto em relação aos outros líderes, uma vez que entre os 10 primeiros, 8 estão nesta situação.

Os líderes que não estão vinculados a programas de pós-graduação – 15 (20,5% do total) apresentaram um escore mais baixo na produção científica em relação aos 58 (79,5%) vinculados a programas de pós-graduação. O total da produção científica destes líderes não-vinculados à pós-graduação é de 34 itens, representando apenas 6,2% da produção científica total.

Há uma alta concentração das publicações sob a responsabilidade de apenas 10 grupos, que juntos são responsáveis por 61,9% (342) da produção científica total, enquanto que os outros 38,1% (210) são de responsabilidade de 36 grupos de pesquisa.

Entre os 64 periódicos indexados selecionados pelos líderes para divulgar a sua produção científica, 61 estão indexados na base Qualis/CAPES na área de Educação e apenas três estão classificados em outras áreas de conhecimento. Verificou-se que 38 (59,4%) dos periódicos que veiculam a produção científica no campo da “História da Educação” estão classificados como Qualis/Nacional A, B e C (classificação vigente no período da coleta dos dados), os quais somados aos 20,3% dos periódicos indexados nas categorias internacional atingem o percentual de 79,7%, enquanto que os periódicos classificados como local representam 20,3% do total.

Foi possível observar que 64,7% do total de artigos foram divulgados em publicações sob responsabilidade de Programas de Pós-Graduação em Educação ou de Centros e Departamentos acadêmicos da área de Educação, instituições de ensino superior e institutos ou centros de pesquisa.

Ainda é tímida a inserção internacional da produção científica produzida na área de “História da Educação”, uma vez que entre os 12 periódicos categorizados como internacionais apenas 7 são publicados fora do país, sendo que em 4 deles o artigo foi escrito em língua portuguesa.

Os quatro periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação” estão vinculados a associações, sociedades científicas e grupos de pesquisa da área, a saber: Revista Brasileira de História da Educação (Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), Revista História da Educação (Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores de História da Educação-ASPHE), Revista Histedbr Online (Grupo de Pesquisa HISTEDBR-Unicamp) e Revista Brasileira de Educação (ANPED), os quais são responsáveis por 50 (24,3%) dos artigos publicados. A maioria dos autores que mais publicaram artigos nestes 4 periódicos são aqueles que se encontram na liderança dos grupos com mais produção científica no campo “História da Educação”. 27 líderes (descontadas as co-autorias) são os autores dos 50 artigos e além disso, alguns desses publicaram trabalhos em mais de uma dessas revistas.

Há um estreito vínculo entre autores, co-autores, títulos de periódicos e entidades que editam estes veículos de disseminação do conhecimento científico no campo “História da Educação”, pois os autores dos artigos são também os integrantes e dirigentes destas entidades.

Dos 96 livros foram excluídos 10 títulos por se tratarem de publicações em co-autoria entre membros de grupos diferentes. Verificou-se ainda que 40 editoras foram responsáveis pela publicação dos 86 livros enquanto que 75 editoras publicaram os 250 capítulos de livros. Dentre as 35 editoras que mais publicaram livros e capítulos no campo “História da Educação”, 12 receberam classificação A no Qualis/CAPES, 8 foram classificadas como nível B e 15 como nível C. Duas editoras se destacaram como sendo as que mais publicaram livros e capítulos de livros: a Autores Associados e a Autêntica Editora, responsáveis por 25% livros e capítulos classificados como “A” no Qualis/CAPES/Editoras. Notou-se que há um equilíbrio na distribuição das publicações entre as editoras categorizadas como “comerciais” que foram responsáveis por 51,5% (173) dos livros e capítulos e as “institucionais” que responderam 48,5% (163).

Identificou-se também que 58,1% do total da produção científica – artigos, livros e capítulos – no campo “História da Educação” é de autoria individual, enquanto que 41,9% são publicações co-autoradas.

Entre os livros e capítulos de livros publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa há 21 obras organizadas sob a forma de coletâneas, as quais foram responsáveis pela publicação de dois até doze capítulos cada, totalizando 112 capítulos, ou seja, 33,3% do total deste tipo de produção científica.

As temáticas mais abordadas na produção científica no campo da “História da Educação” são: “Intelectuais, pensamento social e educação”, com 23,2% do total, seguida por “Arquivos, fontes e historiografia” (22,5%) e “História Regional da Educação” (19,2%) totalizando 64,9% dos artigos, capítulos e livros. Portanto, trata-se de temáticas de pesquisa que foram alçadas ao procênio da Oficina de Clio com papel de destaque a partir da década de 1990, quando a História das Mentalidades e a História Cultural passaram a suplantar as concepções históricas estruturadas com base nas metanarrativas. Em síntese, os dados obtidos no âmbito dos Grupos de Pesquisa do CNPq realçam ainda mais as críticas endereçadas no sentido de demonstrar como os chamados “velhos” paradigmas foram deslocados para um lugar marginal, no contexto da historiografia, a partir de 1991. Enquanto que a denominada “História em Migalhas” ou micros objetos de investigação passaram a ocupar a posição central no cenário protagonizado pelo Campo da História da Educação.

Além disso, há de se destacar também que o aumento substancial na produção científica, no período de 2000 a 2006, tem seu crescimento coincidente com os dois triênios de avaliação da pós-graduação implementados pela Capes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bourdieu (1983) considera que o campo científico é um campo de lutas e disputas entre os pares, onde o que se busca é o crédito científico – trocado em um mercado em que as publicações científicas têm importância fundamental, pois são por meio delas que os resultados das pesquisas – a produção científica consolidada em artigos científicos, livros e capítulos – alcançam seu público e se transformam em créditos que são trocados por outros.

Os resultados desse trabalho nos levaram ao entendimento de que a produção científica em História da Educação concentra-se em alguns autores que estabelecem parcerias científicas. Ou seja, poderíamos inferir que neste campo há determinados autores e grupos de pesquisa que são hegemônicos na produção do conhecimento da área. Portanto, corroboram os conceitos empregados por Bourdieu (1983), Latour e Woolgar (1997) sobre a legitimidade e credibilidade científica.

Os achados da pesquisa também permitiram supor que o campo da “História da Educação” recebe uma contribuição relevante dos grupos de pesquisa que atuam nesta área, haja vista a produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa compulsados e analisados neste trabalho. Igualmente, também foi demonstrado o relevante papel dos grupos de pesquisa, associações de pesquisadores e sociedades científicas atuantes no campo da “História da Educação” para o impulso da produção científica na área, visto que nos últimos anos ampliaram-se os espaços de produção de conhecimento na área.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTI, A. J. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 113, p. 39-50, jul. 2001.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Pesquisa em Educação: questões de teoria e método. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS, 5., 2005, Bauru. **Anais...** Bauru, 2005.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. História, epistemologia marxista e pesquisa educacional brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n.107, p. 489-511, maio-ago. 2009.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.
- CARDOSO, C. F. Paradigmas rivais na historiografia atual. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 47, p. 61-72, abr. 1994.
- CARVALHO, M. P. de; BUENO, B. O. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 7-8, jan.-abr. 2004.
- CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 63-85, maio-ago. 2001.
- COELHO, L. M. C. da C. **Brasil, era Vargas**: produção do conhecimento no campo da História da Educação: a produção do HISTEDBR, um estudo preliminar. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_056.html>. Acesso em: jan. 2007.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. Thousand Oaks: Sage, 1998.

CRESWELL, J. **Research design: qualitative & quantitative approaches**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

CUNHA, L. A. Os (des)caminhos da pesquisa na pós-graduação em educação. In: **SEMINÁRIO SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 1979, Brasília**. Brasília: MEC/CAPES, 1979, p. 3-15.

FALCON, F. J. C. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

GATTI, B. A. A pesquisa em educação: pontuando algumas questões metodológicas. **Nas Redes da Educação: revista eletrônica do LITE/FE/Unicamp**, Campinas, outubro 2003. Disponível em <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/gatti.html>>. Acesso em: fev. 2004.

GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.1, p.1-20, jul. 1970.

GOUVEIA, A. J. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 19, p. 75-79, dez. 1976.

GOUVEIA, A. J. Algumas reflexões sobre a pesquisa educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.60, n.135, p.495-500, out.-dez. 1974.

GUIMARÃES, R.; LOURENÇO, R.; COSAC, S. A pesquisa em epidemiologia no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 321-40, 2001.

GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa vs. pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2004. (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, n.7). Disponível em: <www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf>. Acesso em: mar. 2007.

HAYASHI, C. R. M. **Presença da educação brasileira na base de dados Francis®: uma abordagem bibliométrica**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

HAYASHI, M. C. P. I. et al. História da educação brasileira: a produção científica na biblioteca eletrônica SCIELO. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 181-211, 2008.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Publicações do Inep. **Série Estado do Conhecimento**. 8v. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/publicacoes>>. Acesso em: jan. 2007.

LATOUR, B. **Le métier de chercheur**: regard d'un anthropologue Paris: INRA, 1994.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.

PIGNARD, N. **Les enjeux économiques et scientifiques de la publication sur Internet des revues de physique**. Grenoble: Université Sthendal, 1999.

PRADO JR., C. História quantitativa e método da historiografia. **Debate & Crítica**, São Paulo, n. 6, p. 6-19, jul. 1976.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2004.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. Investigando a pesquisa educacional: um estudo enfocando dissertações e teses sobre o ensino de Biologia no Brasil. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol11/n2/v11_n2_a6.htm>. Acesso em: jan. 2007.

VAINFAS, R. História da mentalidade e história cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

VELHO, L. A ciência e seu público. **Trans-In-Formação**, Campinas, v. 9, n. 3, set./dez. 1997b.

VELHO, L. **Notas sobre a pós-graduação em Ciências Sociais e Humanidades**: por que e em que diferem das Ciências Naturais? Brasília: UNESCO, 1997a.

WARDE, M. J. Contribuições da história para a educação. **Em Aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, p. 3-11, jul./set. 1990b.

WARDE, M. J. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 73, p. 57-75, maio 1990a.

YANNOULAS, S. C.; VALLEJOS, A. L.; LENARDUZZI, Z. V. A. Feminismo e academia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 425-451, set./dez. 2000.